

“MULHER NÃO CABE EM CAIXINHA”: PROBLEMATIZANDO MACHISMOS E FEMINILIDADES A PARTIR DA MÚSICA “PERFEITINHA”

“LA MUJER NO CABE EN UNA CAJA”: MÁQUINA DE SOLUCIÓN DE PROBLEMAS Y FEMINIDAD DE LA MÚSICA “PERFEITINHA”

“WOMAN DOESN'T FIT IN A BOX”: TROUBLESHOOTING MACHINE AND FEMININITY FROM THE MUSIC “PERFEITINHA”



Elaine de Jesus SOUZA¹
e-mail: elaine.souza@ufca.edu.br



Eugèrbia Paula ROCHA²
e-mail: eugèrbiarochabs@gmail.com

Como referenciar este artigo:

SOUZA, Elaine de Jesus; ROCHA, Eugèrbia Paula da. “Mulher não cabe em caixinha”: Problematizando machismos e feminilidades a partir da música “Perfeitinha”. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023014, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18180>



| Submetido em: 15/02/2023
| Revisões requeridas em: 22/04/2023
| Aprovado em: 11/06/2023
| Publicado em: 01/08/2023

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Cariri Instituição (IFE/UFCA), Brejo Santo – CE – Brasil. Professora Adjunta do Instituto Formação de Educadores. Professora Permanente do PPGECIMA/UFS. Pós-doutoranda em Educação na (UFBA).

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brejo Santo – CE – Brasil. Mestranda em Educação.

RESUMO: Os feminismos constituem um movimento que reivindica a equidade de gênero, a partir da luta pelos direitos sociais e políticos das mulheres. Este estudo trata-se do recorte de uma pesquisa qualitativa mais abrangente realizada em três escolas da Educação Básica de um município do Cariri cearense, que objetivou analisar as narrativas de jovens/mulheres estudantes acerca de feminismos e feminilidades no contexto escolar. Os procedimentos investigativos envolveram a realização de uma entrevista semiestruturada, a partir da problematização da música “Perfeitinha”, por meio da análise foucaultiana do discurso. Diante das análises, foi possível perceber que a cultura machista reflete na sociedade e em diferentes artefatos culturais, inclusive nas músicas sertanejas, onde se manifestam de forma mais explícita. Assim, destacamos a necessidade de incorporar, de modo contínuo e sistemático, as temáticas gênero, feminismos e feminilidades nos currículos escolares e acadêmicos, para que possamos repensar a educação a partir de uma abordagem *queer*.

PALAVRAS-CHAVE: Artefatos Culturais. Currículo. Escolas. Feminismo. Feminilidades.

RESUMEN: Los feminismos son un movimiento que reivindica la equidad de género, a partir de la lucha por los derechos sociales y políticos de las mujeres. Este estudio forma parte de una investigación cualitativa más amplia realizada en tres escuelas de Educación Básica de un municipio de Cariri, Ceará, que tuvo como objetivo analizar las narrativas de jóvenes/estudiantes sobre feminismos y feminidades en el contexto escolar. Los procedimientos de investigación consistieron en la realización de una entrevista semiestructurada, a partir de la problematización de la canción “Perfeitinha”, a través del análisis del discurso foucaultiano. En vista de los análisis, fue posible percibir que la cultura machista se refleja en la sociedad y en las diferencias culturales preservadas, incluso en la música country donde se manifiestan de manera más explícita. Así, destacamos la necesidad de incorporar, de manera continua y sistemática, las temáticas de género, feminismo y feminidad en los currículos escolares y académicos, para que podamos repensar la educación desde un enfoque *queer*.

PALABRAS CLAVE: Artefactos Culturales. Plan de estudios. Escuelas. Feminismo. Feminidades.

ABSTRACT: Feminisms encompass different aspects, but in general, they constitute a movement that claims gender equity, based on the struggle for women's social and political rights. In this study, we assume the femininity category as the multiple ways of becoming a woman, covering different identities/differences, dimensions and social markers. This study is part of a more comprehensive qualitative research carried out in three Basic Education schools in a municipality in Cariri, Ceará, which aimed to analyze the narratives of young/women students about feminisms and femininities in the school context. The investigative procedures involved conducting a semi-structured interview, based on the problematization of the song “Perfeitinha”, through Foucauldian discourse analysis. In view of the analyses, it was possible to perceive that macho culture reflects in society and in different cultural artifacts, including in country music where they are manifested more explicitly. In this way, we highlight the need to incorporate, in a continuous and systematic way, the themes of gender, feminism and femininity in school and academic curricula, so that we can rethink education from a *queer* approach.

KEYWORDS: Cultural Artifacts. Studio plans. Schools. Feminism. Femininities.

Introdução

A partir da perspectiva pós-estruturalista, destacamos que os feminismos abrangem distintas vertentes, mas de modo geral, constituem um movimento que reivindica a equidade de gênero, a partir da luta pelos direitos sociais e políticos das mulheres, surgindo com a intenção de desconstruir o patriarcado que alicerça preconceitos como o machismo, sexismo e a misoginia. Neste estudo, assumimos a categoria feminilidades como as múltiplas formas de tornar-se mulher abrangendo distintas identidades/diferenças, dimensões e marcadores sociais.

Nessa ótica, gênero representa uma construção sociocultural em nossa constituição como homens e mulheres, englobando processos educativos que operam por meio de/ou se apoiam em distintas instituições, não necessariamente convergentes, harmoniosas e estáveis (NICHOLSON, 2000; SCOTT, 1995). Além de discutirmos sobre a dimensão de gênero, também é importante entender que a sexualidade envolve pensamentos, valores, comportamentos, desejos, fantasias, representações, linguagens e experiências construídas ao longo da vida das pessoas, por meios de relações sociais e culturais, não existe padrão único, pois, abrange todo um processo de construção histórico social, além do nosso corpo, passível de transformação (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; LOURO, 2000).

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil, apresenta altos índices de violência de gênero. Somente no ano de 2021, ocorreram 1.319 feminicídios no país, tendo em média uma mulher morta a cada sete horas pela condição de seu gênero. Sendo que, na maioria das vezes, os criminosos foram seus próprios “companheiros” que, em muitos casos, protagonizaram uma sequência de episódios violentos até se tornarem homicidas. É importante destacar, também, que a região do Cariri cearense apresenta alto índice de violência doméstica familiar.

De acordo com Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS/CE)³, o Ceará está entre os estados que mais mata mulheres no país. Em 2022, os indicadores criminais apontam que até o mês de junho desse ano, já haviam sido registrados 9.106 de violência com base na Lei nº 11.340/2006 (BRASIL, 2006), no Ceará.

Desse modo, faz-se necessário problematizar e disseminar (in)formações, visando desconstruir as desigualdades de gênero que permeiam a sociedade e a escola. Sendo importante trazer essas temáticas para os espaços educacionais, sobretudo, escolas e

³ Disponível em: https://www.sspds.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/24/2022/07/Lei-Maria-da-Penha-Estatisticas-Mensais_06_2022.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

universidades, engajando o público juvenil e adultos/as, para discutir além das desconstruções de machismo e demais preconceitos, os padrões hegemônicos de feminilidade. Assim, este trabalho teve como principal objetivo analisar discursos sobre feminismos e feminilidades juvenis no contexto escolar do cariri cearense a partir da problematização da música “Perfeitinha” (ENZO RABELO, 2019).

Organizamos o texto nos seguintes blocos: após esta introdução inicial, onde apresentamos nosso problema de pesquisa, objetivo e alguns conceitos centrais da pesquisa, apresentaremos os caminhos metodológicos percorridos, bem como faremos uma breve descrição do artefato cultural escolhido para ser problematizado neste artigo, a música “Perfeitinha”. Em seguida, apresentaremos as análises das falas das participantes, problematizando os principais enunciados relacionados com a letra da música “perfeitinha”. Por fim, tecemos algumas considerações acerca dos estudos *Queer*.

Caminhos Metodológicos

Este estudo trata-se do recorte de uma pesquisa mais abrangente realizada em três escolas da educação básica de um município do Cariri cearense, que objetivou analisar as narrativas de jovens/mulheres estudantes acerca de feminismos e feminilidades no contexto escolar. Os procedimentos investigativos envolveram a realização de uma entrevista coletiva com 13 jovens mulheres, estudantes de escolas públicas do Ensino Médio, realizada de forma virtual por meio da plataforma digital *Google Meet*, devido ao cenário atual ocasionado pela pandemia da COVID-19, que estabeleceu o distanciamento social como protocolo de segurança e saúde pública.

O encontro teve duração aproximadamente 2 horas e 15 minutos para a problematização da música “*Perfeitinha*”, buscando relacionar os pontos levantados com a temática em estudo. Vale ressaltar que nossa conversa foi gravada e posteriormente transcrita; em seguida, foi iniciada a entrevista coletiva semiestruturada com base nas perguntas gerais sobre a temática gênero, feminismos, machismos, feminilidades e masculinidades no contexto escolar.

Como procedimento analítico, adotamos a análise foucaultiana do discurso para problematizar de que modos os feminismos e as feminilidades são (des)construídas no contexto escolar e que discursos são (re)produzidos nesse espaço educacional a partir da problematização de narrativas discentes em relação a música como artefato cultural. Foucault

(1996, p. 135) enfatiza “o discurso como um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva.” Vale ressaltar que os enunciados, nesse sentido, não são só as “coisas”, mas, também os próprios acontecimentos. A análise do enunciado instiga um olhar investigativo e dialogado para pensar as condições de existências e problematizar a materialidade e os efeitos de “verdades” que compõem os discursos produzidos por meio de vivências do cotidiano (SILVEIRA, 2007).

As novas configurações culturais têm ganhado espaço nas instituições educacionais, constituindo, assim, um novo estado da cultura, fazendo com que muitas das representações disponibilizadas em distintos artefatos culturais alcancem as escolas e entrem em conflito com o conteúdo ensinado. Nesse sentido, a cultura da mídia tem ampliado os lugares em que nos informamos e aprendemos a pensar sobre nós mesmos, e sobre as múltiplas identidades/diferenças. Portanto, vale reconhecer que “[...] quando um artefato cultural articula informações, aprendizagens, sentimentos e pensamentos, está compondo o texto de um currículo” (MAKNAMARA, 2021, p. 206).

Para Hall (1997), a mídia constitui uma das principais instâncias culturais que veiculam ideias e imagens vigentes da atualidade. Assim, artefatos culturais como a televisão, o cinema e a música, por exemplo, passam a ser vistos como “maquinarias de ensinar” (FISCHER, 1997; KELLNER, 2001; GIROUX, 2001). Nesse contexto, a música ocupa uma posição central no cenário contemporâneo, no qual a cultura da mídia passou a fazer parte da vida dos sujeitos.

Neste estudo, utilizamos artefatos culturais como instrumentos analítico-investigativos acerca de discursos referentes aos feminismos e feminilidades no contexto escolar, em uma perspectiva pós-estruturalista. Destacamos as “pedagogias culturais” como uma ferramenta teórica produtiva que surgiu a partir da aproximação dos processos educacionais com a cultura, a política e o poder, promovendo reflexões sobre as desigualdades e as distintas identidades/diferenças, que aliadas às distintas classes sociais, são as que mais causam exclusão social e desigualdades de gênero disseminadas na sociedade (ANDRADE; COSTA, 2015).

Para Maknamara (2014), ao compor a cultura da mídia, a música se faz cada vez mais presente nas escolas e tem se tornado um objeto privilegiado também para o campo educacional, constituindo um artefato cultural potente para as análises das pedagogias culturais. Em outros textos, o autor destaca o reconhecimento de diferentes artefatos culturais como constituintes de um currículo cultural, posto que vem sendo problematizado por

diferentes pesquisas em educação (MAKNAMARA, 2020, 2021). Em consonância, a noção de currículo cultural reitera a importância da investigação de “outros currículos (além do escolar) que contribuem para a formação das pessoas e que disputam espaço na produção de sentidos e dos sujeitos” (PARAÍSO, 2007, p. 24).

Desse modo, analisaremos a música sertaneja “Perfeitinha”⁴ do cantor Enzo Rabelo, lançada no ano 2019, que se encontra disponível nas plataformas digitais. A música tenta passar uma mensagem do amor romantizado na voz infantil, mas, ao observar a letra, nos deparamos, de forma sutil, com os variados arquétipos do machismo escondidos pela sedução, pela nomeação da moça como “princesa”, com indicativos da mulher como propriedade, além do estereótipo de mulher que foge padrões. A “dominação masculina” e a violência emocional também se fazem presentes na canção.

Desconstruindo o machismo romantizado: “mulher não cabe em caixinha”

Para além da sociedade, a cultura machista reflete, inclusive, nas músicas sertanejas, onde se manifestam de forma explícita. Ao analisar “Perfeitinha” (2019) do cantor mirim Enzo Rabelo, a letra, de início, parece inofensiva, mas a canção está repleta de arquétipos do machismo, camuflados pela sedução através de uma linguagem sutil, pois é vista como expressão do romantismo de um homem apaixonado. Dessa forma, problematizamos discursos machistas naturalizados na música, por meio das narrativas estudantis, relacionando com os feminismos e as feminilidades.

Quando questionadas sobre qual verso da música que mais chamou a atenção, as falas de Isabela e Lorena convergem ao destacarem o trecho “*Ela é uma princesa que não usa coroa, ela usa boné, ela para o baile só de tênis no pé*”, relacionando com as múltiplas feminilidades, sobretudo ao criticarem a ideia que a “mulher tem que ser *“perfeitinha”*, “*comportadinha*” e que para ser feminina precisariam “*usar saltos*”. Tais dizeres sinalizam uma problematização da feminilidade hegemônica, de representações estereotipadas de gênero e padrões normativos (re)produzidos pela sociedade. Para Silva, Sales e Bastos (2017), a mídia televisiva, as músicas, os filmes e os desenhos infantis reforçam os padrões normativos de feminilidades e estereótipos de gênero, ensinando desde a infância como “ser mulher”, como se comportar socialmente, estabelecendo um padrão normativo que regula características femininas de “boa moça” para atrair e conquistar um companheiro.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PedrOwqgp8s>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O machismo também se faz presente na letra da música conforme mostram as falas de Kely e Alice, convergindo quando destacam os trechos “*ela é toda perfeitinha e o melhor é que ela é toda minha*” “[...] *ela é perfeita, só que se terminasse, ele não iria deixar ela viver com outras pessoas; “ela é toda perfeitinha, dá vontade de guardar em uma caixinha, pra ninguém roubar”*. Relacionando com a possessividade masculina romantizada, um sentimento de posse e misoginia mascarados de amor. Algumas músicas sertanejas corroboram com a representação do homem como proprietário da mulher, naturalizando a violência e a submissão feminina; por circularem nos mais variados espaços, como a escola, são ouvidas pelos/as estudantes (BLAU; CADONÁ, 2019), logo é imprescindível a problematização de tais estereótipos de gênero, sobretudo com relação às feminilidades.

Essa ideia de “guardar a mulher em uma caixinha” foi bastante problematizada pelas participantes Bianca, Lorena e Alice, respectivamente, ao relatarem que já vivenciaram relacionamentos abusivos: “*só quem já passou por um relacionamento, sabe que você é “pequena” diante daquela pessoa que lhe toma como objeto, que te guarda como posse [...] Essa parte de guardar em uma caixinha é muito escrota [...] muito abusiva*”; “*Eu já passei por um relacionamento abusivo que o cara tentava me privar de muitas coisas e quando estava naquele relacionamento, eu achava que era preocupação dele sabe?*”; “*Eu já passei por isso, durante muito tempo em um relacionamento abusivo, que realmente é doentio, a pessoa que te prende, [...] controla sua mente de certa forma*”.

Tais enunciados nos alertam sobre atitudes machistas que alicerçam relacionamentos abusivos, pois costumam se manifestar de forma velada, disfarçada de cuidado e preocupação, tornando difícil o reconhecimento do abuso. Santos, Sanchotene e Vaz (2019, p. 3) explanam que relacionamento abusivo compreende qualquer tipo de “violência, psicológica e emocional em relações afetivas. Além da violência física, demonstrações de ciúmes e ações que diminuiriam a autoestima ou limitariam a autonomia da mulher passam a ser práticas consideradas abusivas. O autor ainda ressalta que diferente do assédio e do estupro, os relacionamentos abusivos, muitas vezes, não são reconhecidos, pelo fato de haver uma intimidade entre a vítima e o agressor (SANTOS; SANCHOTENE; VAZ, 2019).

Ademais, os relatos nos impulsionam a questionar sobre a dificuldade de uma pessoa sair de um relacionamento abusivo. Muitas vezes, inicia-se de modo sutil ou camuflado, com a vigilância por meio da invasão de privacidade, tentando controlar o tamanho da roupa e as amizades, constituindo um jogo de abusos, constrangimento e violências sobre o/a outro/a. Albertim e Martins (2018) ressaltam que o relacionamento abusivo é constituído por um

ciclo; primeiro há a tensão; em segundo lugar, uma explosão de violência que vem seguida de uma “lua de mel” como uma forma de recompensa para prender a vítima nesse ciclo vicioso, dificultando a pessoa enxergar a violência sofrida. Logo, ao passar por esse percurso, a mulher fica fragilizada devido à dependência emocional e por desacreditar que é capaz de viver sem o agressor.

A estudante Lorena destaca: “*Não só nessa música, mas, já vi em muitas outras músicas que falam sobre ciúmes, e acabam colocando de uma forma positiva como se fosse uma preocupação do parceiro.*” Esses enunciados remetem a dois aspectos importantes: o primeiro é a questão que a mulher não cabe dentro de uma caixinha, visto que somos livres para vivermos e sermos o que quisermos. E o segundo é a questão de as músicas que veiculam machismos e misoginias, naturalizando violências contra as mulheres, afinal, as ouvimos todos os dias nos mais variados espaços sociais. Nesse sentido, Garcia *et al.* (2017) enfatizam que as mídias televisas, as rádios e a *internet* mostram o quanto os machismos estão presentes no nosso cotidiano disfarçados de amor e proteção, naturalizando as mulheres como objetos sexuais.

Quando Lorena complementa “*Se a pessoa comentar o problema que a música mostra, as pessoas já falam logo: ai que pessoa mimizenta, só vê o lado ruim da música [...]*”, vale explicar que o termo “mimizenta” geralmente é usado por homens para contornar a situação e manter as práticas machistas e sexistas intactas, tentando silenciar o lugar de fala das mulheres. Nesse sentido, é importante problematizar o termo “*Gaslighting*”, que significa manipulação e corresponde aos abusos psicológicos expressos, frequentemente, por meio de enunciados misóginos como “*you are crazy*”, “*ela está de TPM*”, ou seja, uma forma de manipular situações fazendo com que a vítima duvide de seu posicionamento e até da sua lucidez (DÁVILA, 2019).

Nessa perspectiva, ao serem questionadas se conseguiriam relacionar a letra da música com o tema feminismo e feminilidades, capturamos uma multiplicidade de enunciados discursivos nas falas das participantes. As falas de Lorena, Isabela e Melissa convergem ao enunciarem, respectivamente: “*a primeira estrofe está relacionada às feminilidades, fala mais como uma mulher pode ser mais feminina. [...]*”; “*as feminilidades estão ligadas como a mulher se comporta, se veste e tudo mais*”; “*ela não usa salto, para o baile com o tênis no pé, relacionado ao padrão de feminilidades “tipo atitudes femininas.* Tais enunciados se aproximam do conceito de feminilidades, uma vez que sinalizam a desconstrução de uma feminilidade hegemônica, possibilitando o reconhecimento e a construção das múltiplas

feminilidades. Vale ressaltar que essas são construídas socioculturalmente e abrangem as distintas formas de se tornar mulher, englobando comportamentos, experiências, relacionamentos, identidades sexuais e de gênero (BERALDO, 2014).

Beraldo (2014, p. 15) ressalta que “O padrão de feminilidade estaria associado ao que elas identificam como as armadilhas que a sociedade patriarcal constrói para minar a capacidade reflexiva das mulheres, a fim de mantê-las sob a dominação masculina”. Dessa forma, apresenta-se uma crítica aos padrões normativos impostos pela sociedade, que determinam representações estereotipadas de gênero, principalmente impondo às mulheres um conjunto de atributos e regras naturalizadas como “características femininas”.

Em contrapartida, a participante Isabela salienta que a segunda estrofe da música poderia ser relacionada às lutas feministas, posto que: “*o feminismo é basicamente a luta que a gente tem né, nós mulheres diariamente, por igualdade nesse País e no mundo. O relacionamento abusivo [...] é uma das coisas que as feministas lutam contra*”. Nesse contexto, a participante aponta o feminismo como um movimento social que luta para combater a dominação masculina e práticas machistas como a possessividade, os relacionamentos abusivos, as violências, os feminicídios. Para Margaret Rago, o feminismo consiste em um movimento político e libertador que combate práticas machistas e misoginias, levantando uma luta contra as desigualdades, visando a equidade de gênero (RAGO, 2001).

Por outro lado, a participante Alice destaca “*quando uma mulher não quer fazer o que o cara quer, acaba sofrendo violência, e muitas vezes pode chegar até a matar a mulher*”. Leia-se feminicídio! Esse enunciado retrata um cenário violento vivenciado por muitas mulheres que, ao tentarem sair de um relacionamento abusivo, muitas vezes sofrem episódios de violências, ocasionando o feminicídio. Nesse contexto, torna-se importante entender o conceito de violência e feminicídio. Jane Felipe e Jéssica Moraes, recorrendo a Organização Mundial de Saúde (OMS), definem o termo violência, como o “uso deliberado da força física, seja na forma de ameaça efetiva contra si mesmo, ou outra pessoa/grupo/comunidade, causando ou com probabilidade de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos psicológicos ou privações” (FELIPE; MORAIS, 2019, p. 4).

Com relação às violências que ocorrem no âmbito familiar, de acordo com o Ministério da Saúde, podem ser compreendidas como toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, emocional ou a liberdade de outra pessoa. Esse tipo de violência pode ocorrer dentro ou fora do ambiente doméstico, por algum integrante da família, incluindo pessoas que assumem funções parentais (BRASIL, 2001). Já o feminicídio, segundo

Radford e Russell (1992), representa o extremo terror das violências contra as mulheres, incluindo uma grande variedade de abusos verbais e físicos e a motivação do crime está pautada no gênero da vítima, tendo como alvo principal as mulheres cis e trans. De acordo com Enríquez (2010), a categoria de feminicídio obriga o Estado a reconhecer a despolitização da morte da vítima, uma vez que reduz o crime à dimensão passional. Visto que ocultava as condições sociopolíticas dos crimes, desconsiderando a natureza desse tipo de violência que se refere ao lugar do feminino nas estruturas de gênero (ENRÍQUEZ, 2010).

Por outro lado, vale destacar que, ao relacionarem a música com feminismos e feminilidades, as falas das participantes Lorena e Alice, em alguns momentos, apresentam uma visão equivocada e contraditória sobre o feminismo ao confundirem com o machismo quando enunciam: “*Já a segunda estrofe pode ser relacionada ao feminismo porque fala muito dessa questão de posse do cara, que ele acha que manda na mulher*”; “*relacionada ao feminismo, é quando um cara não deixa a mulher sair de dentro de casa, usar determinada roupa, é como se realmente fosse pra guardar em uma caixinha [...]*”, pois tais enunciados correspondem a práticas machistas. Para Rosa, Felipe e Leguiça (2019), é comum as pessoas associarem ou confundirem o feminismo como oposto ao machismo, no entanto, vale ressaltar que são movimentos bem distintos. O machismo constitui um preconceito baseado na oposição binária masculino/feminino que, ao propagar uma ideia arbitrária de superioridade masculina, inferioriza e mata as mulheres, enquanto o feminismo luta contra o machismo e pela equidade de direitos entre os gêneros.

“Nenhuma mulher gosta de apanhar”: Problematizações necessárias

É possível analisar como as desigualdades de gênero refletem nos artefatos culturais, perpassando os muros das escolas, uma vez que, as participantes, ao relacionarem a letra da música com as vivências pessoais e/ou no ambiente escolar, ressaltam uma série de enunciados que remetem ao machismo, à misoginia e à dominação masculina que oprime a figura feminina. Além das questões dos relacionamentos tóxicos e abusivos, que manipulam e causam dependências emocionais em muitas mulheres, bem como chantagens, violências físicas e emocionais, causadas por atitudes machistas principalmente nos espaços escolares, visto que é o lugar de fala em que as participantes estão inseridas. Dessa forma, destacamos os principais fragmentos de falas das entrevistas das jovens/estudantes, problematizando as divergências e convergências sobre o assunto a partir de suas opiniões, dúvidas e indagações.

Nesse contexto, as falas de Bianca e Lorena convergem, respectivamente, ao relacionarem a letra da música com suas vivências pessoais e escolares quando enunciam “*eu já passei por isso aí na escola. “[...] já disseram que eu era muito fofinha”*”. E que queriam me colocar no potinho [...] acho que estavam tentando me elogiar, [...] sei lá isso era tóxico”; “*eu tive um relacionamento abusivo no qual ele realmente queria me privar de tudo, e conseguia, porque você fica sem saber o que fazer [...] uma coisa que vivi e tinha nessa música o fato de “guardar em uma caixinha”*”. Tais enunciados demonstram o machismo romantizado e os abusos propagados nos artefatos culturais refletem nos espaços escolares e nas vivências estudantis, pois fazem com que as misoginias e as violências silenciosas não consigam ser identificadas. Isso posto, a naturalização do machismo convence as pessoas e faz com que acreditem e vejam tal atitude como algo “natural” em todo relacionamento afetivo. Porém, tal fato favorece a construção de um jogo de práticas abusivas, criando um laço cruel e difícil de ser quebrado, que causa danos irreversíveis para as vidas das vítimas envolvidas nos espaços educacionais e/ou sociais (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Vale enfatizar que os relacionamentos abusivos foram as vivências que mais se sobressaíram nos relatos estudantis. Ao serem questionadas sobre o conceito de relacionamentos abusivos, a participante Bianca explica: “*é um relacionamento que apaga a tua luz de verdade*”. Visto que, “*te priva de fazer as coisas que você fazia antes, de amizades, de vestir roupas que você quer, te xinga, te maltrata.*” Ou seja, “*é um relacionamento realmente tóxico, te faz sentir mal, coloca a culpa em você, sendo que ele é o culpado muitas vezes em algumas coisas. Ele te pisa, te diminui para elevar o ego dele e te faz se sentir pequeninha*”. Cabe ressaltar que o controle e o cuidado motivados por ciúmes não é amor, é abuso. Atitudes machistas como controlar as redes sociais, a roupa, as amizades da parceira, usualmente visto como sintoma de paixão, na verdade consiste em um sinal de que o relacionamento é abusivo (CAMPOLINA, 2015). Tais práticas também estão presentes nos espaços escolares, uma vez que ali se iniciam as relações afetivas dos/as jovens estudantes.

Nesse rumo, é importante salientar que um relacionamento abusivo é caracterizado por excessivo jogo de relações de poder, geralmente do homem sobre a mulher dentro de um relacionamento afetivo. Além de culpabilizar o/a companheiro/a pela violência sofrida, retira-se a responsabilidade das suas ações abusivas, buscando justificativas para estas (MOREIRA, 2016).

A participante Lorena ainda enfatiza: “[...] *quando você começa perceber que o relacionamento é tóxico, que já está de alerta, o cara percebe e começa a tentar fixar na sua*

mente os momentos bons, [...] como se essas coisas boas que passaram compensassem o que ele estava fazendo de ruim”. Convergindo com Bianca quando enuncia: “quando percebe que você já está se ligando que aquilo é errado, e que você não quer mais ser submissa e tudo mais. Ele começa a mudar, talvez ser uma pessoa melhor pra você”, tais enunciados compõem uma das fases dos relacionamentos abusivos, conforme foi destacado anteriormente, conhecida com a “lua de mel” (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

A fala da participante Kely diverge das demais quando destaca “*tem muitas mulheres que parecem gostar de apanhar, gosta de estar ali naquele aperto, de ser presa*” ao relatar o relacionamento abusivo vivenciado pela tia. Esse enunciado costuma ser repetido em diferentes contextos sociais, inclusive escolares, para justificar as práticas abusivas e a dominação masculina. Por outro lado, nesse momento da entrevista, houve certo atrito entre as participantes, pois, a participante Bianca rebate em um tom repreensivo: “*Miga, miga, tenha calma! Não, nenhuma mulher gosta de apanhar! [...] eu afirmo com toda certeza, nenhuma mulher gosta de apanhar, gosta de ser xingada, de ser maltratada, ser humilhada*”. Tal advertência evidencia o reconhecimento de que as práticas abusivas são resultantes das relações de poder que (re)produzem a vulnerabilidade e a submissão feminina como reflexo do patriarcado que objetifica a mulher como posse da figura masculina (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Nesse olhar, a fala da participante Bianca sinaliza a desconstrução desses discursos misóginos que causam a opressão e a submissão de muitas mulheres.

A participante Bianca ainda complementa “*a mulher que já passou por isso sabe, o quanto isso é desgastante [...] Muitas mulheres continuam em um relacionamento abusivo, porque aquele cara te faz se sentir “tão pequena” te diminui tanto, que “você se sente tão pequenininha”, que você não consegue viver sem aquela pessoa*”, representando a violência psicológica que causa uma dependência emocional, muitas vezes relacionada à condição financeira, entre outros fatores que condicionam as mulheres a permanecerem em um relacionamento abusivo. Gomes (2018, p. 49) aponta que “a dependência emocional, financeira, a valorização da família, preocupação com os filhos, o desamparo e falta de apoio social aparece como um dos principais fatores que favorece a permanência da vítima em relacionamentos abusivos”. Dessa forma, vale destacar que o feminismo possibilita uma mudança nesse cenário, uma vez que luta pela emancipação política e social, possibilitando às mulheres terem autonomia e conquistarem sua independência tanto nos espaços escolares quanto nas demais esferas sociais.

Ao relatar suas vivências pessoais, as falas das participantes Lorena e Alice convergem quando enunciam: “*Eu tinha marcas, eu sofri muito nesse relacionamento, as meninas falavam pra eu denunciar ele.*”; “[...] *Estou me curando de uma depressão que um desgraçado me deixou.*” E Alice ainda complementa: “*sofri agressão física, ele me batia, isso na escola, uma vez um professor viu ele me chamando de “puta”, me xingando do nada, mas o cara manipula realmente e faz achar que sem ele você não é ninguém*”. Tais enunciados salientam que a violência de gênero também se faz presente no contexto escolar e nos alerta que, além das agressões físicas e de destruir muitas vidas, também causa danos psicológicos, como depressão, podendo levar até o suicídio, além do feminicídio (HIRIGOYEN, 2006).

Vale ressaltar que a violência contra às mulheres em relacionamentos afetivos perpassa os muros das escolas e reflete nos contextos estudantis, atingindo mulheres de diferentes raças, etnias e classes sociais. Muitas vezes, inicia-se com as “micro” violências, que podem ser verbais, morais e, conseqüentemente, evoluem para agressões físicas que costumam ser naturalizadas, constituindo um dos fatores que favorecem a permanência da vítima no relacionamento abusivo (HIRIGOYEN, 2006).

Nesse cenário, torna-se necessário discutir sobre feminismos e feminilidades para promover e desenvolver diferentes estudos e projetos nas escolas, envolvendo públicos de todas as faixas etárias, com o objetivo de minimizar os impactos das violências de gênero e maximizar a compreensão acerca do comportamento feminino em permanecer em um relacionamento tóxico e abusivo. No entanto, também se torna necessário promover uma rede de apoio para as vítimas, principalmente no contexto escolar, uma vez que, quando uma pessoa passa por todo esse processo, afeta diretamente seu rendimento e, muitas vezes, provoca a evasão e abandono escolar (GOMES, 2018).

Quando Alice destaca “*eu acho muito importante, que isso seja falado nas escolas, desde que as meninas estejam numa idade assim na pré-adolescência, essa pauta do relacionamento abusivo. Eu era inocente na época, se alguém tivesse chegado em mim e falado “reparem nisso e tal” teria sido muito importante*”. Esse enunciado adverte sobre a importância e, ao mesmo tempo, a carência das temáticas de gênero, feminismos e feminilidades nos currículos escolares, não só no período da adolescência, mas em todos os níveis de ensino, para que as crianças comecem desde a infância a reconhecer e desconstruir práticas machistas. Portanto, de acordo com Oliveira *et al.* (2016, p. 02) “essa romantização e aceitação cultural da violência contra a mulher devem ser discutidas de modo a gerar uma

reavaliação das relações de gênero”, para desnaturalizar violências que ocorrem dentro de um relacionamento abusivo.

Nesse caminho, enfatizamos a importância de discutir sobre feminismos e feminilidades no contexto escolar para que os/as estudantes possam reconhecer e se atentarem para as práticas de relacionamentos abusivos que, muitas vezes, estão presentes em suas rotinas e não sabem como se libertar. Vale ressaltar que as práticas abusivas que permeiam os estudantes não se resumem apenas aos relacionamentos afetivos, mas estão presentes em todos os aspectos e em todos os espaços, desde o escolar, passando pelo institucional e chegando no social, por meio de práticas e atitudes que invisibilizam e privam as mulheres de contemplar sua liberdade.

Considerações *Queer*

As falas das jovens estudantes a partir da letra da música “Perfeitinha” denunciam uma série de discursos machistas, misóginos e sexistas que corroboram com as violências físicas e psicológicas contra as mulheres. Ademais, a problematização da música como artefato cultural nos permite enxergar as nuances “sutis” e/ou manifestas de relacionamentos abusivos que antecedem os casos de feminicídio, posto que nossa cultura costuma romantizar práticas de objetificação e submissão feminina com a justificativa de proteção e até cuidado. Afinal “quem ama cuida”, porém esse enunciado é usualmente subvertido em favor de um entendimento errôneo de “cuidado” e “amor romântico”, leia-se manipulação e apropriação feminina. Tais relatos nos provocam problematizações e questionamentos sobre gênero e feminismos que instigam diversas reverberações em nossas práticas escolares.

Quais composições *queer* podemos fazer com gênero? A partir de suas vivências/narrativas, as estudantes evidenciaram machismos alicerçados em padrões estereotipados de gênero impostos pela sociedade e (re)produzidos na escola, bem como o não reconhecimento das múltiplas feminilidades. Nesse horizonte, destacamos a necessidade de incorporar, de modo contínuo e sistemático, as temáticas gênero, feminismos e feminilidades nos currículos escolares e acadêmicos, para que possamos repensar a educação a partir de uma abordagem *queer*. Isto é, por meio de um incessante exercício de problematização da linguagem, dos discursos e modelos cisheteronormativos que alicerçam violências, relacionamentos abusivos, preconceitos e desigualdades de gênero, favorecendo o reconhecimento das múltiplas identidades/diferenças sexuais, bem como das feminilidades e

masculinidades como plurais e cambiantes. Afinal, toda essa multiplicidade evidencia o quanto nós mulheres (e também os homens) não cabemos em caixinhas...

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, G. M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília, DF: UNESCO Brasil, 2004.

ALBERTIM, R.; MARTINS, M. Relacionamento abusivo: O controle sobre a roupa, beleza e corpo da mulher. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGNER E MODA, 5., 2018, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, PR: PUCPR, 2018.

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 17 out. 2022.

BERALDO, B. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 4., 2014, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ESPM, 2014.

BLAU, T. G.; CADONÁ, E. (Des) construção de gênero no cenário sertanejo universitário. **Revista Psicologia em Foco**, v. 11, n. 16, p. 68-88, 2019. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/3543>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Brasília, DF: MEC, 2001. 96 p. ISBN 85-334-0436.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 02 jun. 2022.

CAMPOLINA, T. A naturalização da violência contra a mulher em frases do cotidiano. **Portal Revista Fórum**, 2015. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/ativismo-de-sofa/2015/11/26/naturalizao-da-violencia-contramulher-em-frases-do-cotidiano-30520.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

DÁVILA, M. **Por que lutamos?** :um livro sobre amor e liberdade. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ENRÍQUEZ, L. Eficacia performativa del vocablo feminicidio y legislación penal como estratégia de resistência. *In*: ESCALERA, A. M. M. (coord.). **Feminicidio: actas de denuncia y controversia**. Ciudad de México: UNAM; PUED, 2010.

FELIPE, J.; MORAES, J. T. Como problematizar as violências de gênero na educação infantil? Uma proposta em discussão. **Revista Práxis**, v. 3, p. 137-154, 2019. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1917>. Acesso em: 18 maio 2022.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 59-80, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 18 jun. 2022.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GARCIA, J. *et al.* A Influência da música brasileira na naturalização da violência contra a mulher. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, v. 15, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/268>. Acesso em: 23 jun. 2022.

GIROUX, H. A. A disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. B. (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GOMES, I. R. R. **A intenção feminina em permanecer em um relacionamento abusivo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HIRIGOYEN, M.-F. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOURO, G. Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAKNAMARA, M. Afinidades e afinações pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso *In*: PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. E. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

MAKNAMARA, M. Discursos, subjetividades e formação docente: entre Culturas da mídia e da memória. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 40, p. 197-208, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/20750>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MAKNAMARA, M. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, Santo Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 04-18, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14189>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MOREIRA, I. 15 Alertas Para Identificar Um Relacionamento Abusivo. **Revista Galileu**, 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/09/15-alertas-para-identificar-um-relacionamento-abusivo.html>. Acesso em: 07 dez. 2020.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 1 jun. 2022.

OLIVEIRA, F. M. *et al.* Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da lei Maria da Penha. *In: ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO*, 6., 2016, Sobral. **Anais [...]**. Sobral, CE: [n. d.], 2016. ISSN 2318.4329.

OLIVEIRA, T. Feminismo contemporâneo: uma análise da Marcha das Vadias. *In: JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS*, 7., 2015. **Anais [...]**. [S. l.]: [n. d.], 2015.

PARAÍSO, M. A. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos, 2007.

RADFORD, J.; RUSSELL, D. E. H. (ed.). **Femicide: The politics of woman killing**. Nueva York: Twayne; Gale Group, 1992.

RAGO, M. Feminizar é preciso, ou por uma cultura filógena. **Revista do SEADE**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 58-66, 2001.

ROSA, C. E.; FELIPE, J.; LEGUIÇA, M. L. “Eu não sou um homem fácil”: scripts de gênero e sexuais em tela e na educação. **Revista Prâxis**, v. 2, p. 284-300, 2019. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1923>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SANTOS, A.; SANCHOTENE, N.; VAZ, P. A invenção do relacionamento abusivo: sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje. **LÍBERO**, ano 22, n. 44, p. 122-135, 2019. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1072>. Acesso em: 17 out. 2022.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 17 out. 2022.

SILVA, N. F. N.; SALES, A. N.; BASTOS, S. N. D. Feminilidades e masculinidades: uma análise a partir de filmes infantis. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 6., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em Educação – uma arena de significados. *In*: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: Agradecemos o apoio da Pró-reitoria de Pesquisa da UFCA/PRPI e ao CNPq pela bolsa de iniciação científica que permitiu a produção do material empírico.

Financiamento: Houve bolsa de iniciação de científica do CNPQ/PRPI/UFCA.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeitou todos os procedimentos éticos, com assinatura do TCLE e esse texto faz parte de um recorte de uma pesquisa mais abrangente aprovada pelo Comitê de Ética/CEP. O CEP da faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri aprovou o projeto de pesquisa intitulado “*Educação Sexual, sexualidade e gênero na escola em uma perspectiva sociocultural*”, cujo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética/CAAE é 21861219 0 0000 5698 com número de parecer 3.672.498.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso? Estão disponíveis no projeto de pesquisa mais abrangente que originou esse artigo e o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC da coautora.

Contribuições das autoras: Elaine de Jesus Souza: Orientação, escrita, correções e revisão textual; Eugebia Paula da Rocha: escrita inicial e análise do material empírico.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

